

Semiótica, Mídia, Telemática: Reconstrução e síntese de três eixos-chave da comunicologia de Vilém Flusser

Michael Hanke

Pós-graduação em Estudos da Mídia - UFRN

Resumo

A exposição a seguir apresenta uma reconstrução e síntese das reflexões flusserianas sobre semiótica, mídia e telemática, eixos-chave da comunicologia do filósofo. Enquanto os primeiros dois se referem explicitamente à “semiótica das mídias”, a telemática é a técnica que possibilita na “Internet: viagens no espaço e no tempo”, tema do congresso Pentálogo III de 2012.

Palavras-chave:

Semiótica. Mídia. Telemática. Comunicologia.

Mídia

Para iniciar, a obra de Flusser é uma das primeiras — senão a primeira — para refletir a mídia e a semiótica conjuntamente. Já em 1973 ele chega a constatar uma mudança dos códigos-chave da sociedade contemporânea, das mídias lineares (como a escrita) para as superficiais (como imagens), antecipando o famoso *iconic turn* ou *virada pictorial*. Essa transição epocal de mídias da sociedade, de uma cultura de pensamento linear, baseada na escrita, para formas de comunicação relativamente novas de imagens técnicas, é o raciocínio do texto programático “Linha e Superfície”, de 1973:

Nossa cultura oferece dois tipos de mídia entre nós o mundo dos fatos: lineares (como a escrita) e superficiais (como as imagens). (...) Recentemente, um terceiro tipo de mídia surgiu, o de superfícies em movimento (como filme e TV). (...) Este tipo de mídia está se tornando dominante e será um fator decisivo no futuro. (Este futuro será) uma

sociedade “pré-histórica” (...) de mídia de massa (...), que terá abandonado a característica de clareza e distinção do pensamento linear. (Ou) uma sociedade “pós-histórica” com conceitos de ideias estruturalistas em ciência, artes e políticas. (FLUSSER, 1973a, p. 1216). Livre tradução do autor.

Ou seja: nossa cultura oferece dois tipos de mídia entre nós e o mundo de fatos: as lineares, como a escrita; e as de superfícies, como as imagens. Enquanto o primeiro tipo concebe os fatos como processos, em ordem sucessiva, historicamente, o segundo o concebe em cenas. Um terceiro tipo, imagens em movimento (filme, TV), que apareceu recentemente, e compartilha aspectos da mediação linear e cênica, se torna atualmente dominante e será um fator decisivo no futuro. Em caso de abandono da linearidade, deixa também a característica *clara et distincta* (expressão cartesiana cara a Flusser) desse código e do pensamento linear, uma ausência que caracteriza também uma sociedade pré-histórica. Caso essa nova forma consiga integrar a linearidade na superfície, assistiremos ao surgimento de uma sociedade pós-histórica, que teria uma imaginação estruturalista de conceitos científicos, estéticos e políticos. “Estruturalista”, neste caso, significa desenvolver diferentes e alternativos cenários, o que, por sua vez, implica escolher racionalmente entre eles, assim *fazendo* história em vez de ser submetido a ela. Enquanto o pensamento pré-histórico não dispõe da linearidade nem é *clara et distincta*, o pensamento histórico é caracterizado por essa lógica, e o pensamento pós-histórico, possivelmente, avança unificando as conquistas da linearidade e das imagens, em desenvolvimento de um tipo de aproveitamento lógico das imagens. Este tema é elaborado mais profundamente no artigo homônimo em português, “Linha e Superfície” (FLUSSER, 2007b).

Semiótica

Flusser geralmente não é visto como semioticista, mas como comunicólogo ou teórico da mídia. Entretanto, já em um autorretrato filosófico escrito em 1969, cita a semiótica de Umberto Eco como referência do próprio pensamento (FLUSSER, 1976, p. 504). E, em 1985, constata que a entrada atual no *Universo das Imagens Técnicas*, uma revolução cultural, destaca a importância da operação de apontar com as pontas dos dedos, quais podem “mostrar em direção a algo”, e “designar algo” (2008, p. 63).

Contexto em que Flusser, sem querer “entrar na problemática implícita nos termos ‘designação’ e ‘significado’”, assume que “os discursos da semântica, da semiótica e da semiologia são de conhecimento público”, e é por isso que ele vai procurar se “aproveitar”, da sua maneira, “dos conhecimentos elaborados por esses discursos” (2008, p. 63). É o *status* crescente de conceitos como “signo”, “significado” e “*meaning*” (em inglês) que provoca “o interesse atual na semiótica” (1985, p. 46)¹.

Entre as fontes da semiótica de Flusser, trabalhos publicados e não publicados (como *Como ler sintómas*), destaca-se, por seu caráter programático, *Le Monde Codifié*, ensaio publicado em francês em 1974, e um dos primeiros trabalhos depois da volta para a Europa. Foi traduzido como *O mundo codificado* (2007, p. 126-137), também nome da coletânea de trabalhos publicados sob o nome homônimo (FLUSSER, 2007). Outro trabalho é *O que é comunicação?* Neste, utilizado também como capítulo inaugural da sua teoria de comunicação, a *Kommunikologie* (1998, p. 9-15), defende que a “comunicação humana tece o véu do mundo codificado, o véu da arte, da ciência, da filosofia e da religião, ao redor de nós” (2007, p. 91), fazendo uso de Ernst Cassirer, outra referência explícita de Flusser (FLUSSER, 1976, p. 499), que por sua vez, entende o homem como *animal symbolicum* (CASSIRER, 2001, p. 50). O artigo *Códigos*, não publicado, entretanto, é idêntico ao artigo publicado em inglês denominado *On the theory of Communication*, traduzido pelo próprio Flusser, o que mostra que para Flusser a teoria de comunicação e a teoria de signos foram dois lados de uma moeda só. O uso de signos e códigos e a comunicação são interligados e, como consequência, são a teoria dos signos e dos códigos, a semiótica e a teoria de comunicação. Assim, um código é definido como “um sistema de símbolos”, cujo “objetivo é possibilitar a comunicação entre os homens” (2007, p. 130). Como para Flusser existe entre os símbolos e seus significados uma relação de substituição, por isso, seu pensamento se encaixa numa posição tradicional escolástica do signo como *aliquid stat pro aliquo*, ou de representação. O artigo *Abbild – Vorbild. Was heisst darstellen?* (FLUSSER, 1993) (*Imagem-modelo. O que quer dizer representação?* Tradução do autor), escrito em 1991 para compor um livro na renomada editora Suhrkamp, publicado em 1994 (NIBBRIG, 1994), ainda não traduzido para o português, trata explicitamente a questão da

1. As versões em alemão (FLUSSER, 1985) e português (FLUSSER, 2008) desse livro, *Universo das Imagens Técnicas*, inclusive até do título, não são idênticas.

representação (FLUSSER, 1993, p. 293). O livro de 1994, além do texto de Flusser, traz outro de W. J. Thomas Mitchell, que lançou o *iconic turn*, sobre “Representation”, o que mostra como Flusser foi considerado um autor de grande estimação acadêmica (tragicamente, este reconhecimento só se realizou plenamente a partir de 1991, ano do seu falecimento, para crescer em seguida nos anos 90).

Como para Flusser qualquer comunicação depende da mediação de um signo, a sua teoria de comunicação tal como ele entende, sempre opera com termos da semiótica, e o conceito de signo/símbolo tem função fundamental: seguindo a tradição do paradigma informacional, a comunicação humana é considerado um processo artificial, e “baseia-se em artifícios, (...) ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos.” (2007, p. 89) O que é considerado “nosso mundo”, sempre já é um “mundo codificado” (FLUSSER, 2007):

Não possuímos informação “imediate” a respeito das coisas do mundo, nem sequer a respeito das que nos são as mais próximas: todas as nossas informações passaram por um “meio”, (ou “medium”, como se diz atualmente). Pelos sentidos, mas sobretudo por meio de símbolos do tipo “palavras”: ouvimos falar a respeito das coisas. (...) embora estejamos mergulhados no mundo, não podemos agarrarmo-nos às coisas imediatamente. Há um abismo invisível entre nós e as coisas, abismo que deve ser transposto por artifício qualquer, (por exemplo, por símbolos...) (...) Há sempre, entre nós e o mundo, um mundo de segunda ordem, um mundo codificado, o qual procura lançar pontes sobre o abismo que nos separa das coisas, afim de “desalienar-nos”. E “viver” significa, em grande parte, transitar por tais pontes construídas de “códigos”, isto é símbolos ordenados. (FLUSSER, 1994a, p. 1). Livre tradução do autor.

E “comprender o mundo codificado que nos cerca” é tarefa da “teoria da comunicação”, sendo que a comunicação sempre envolve processos sógnicos. A importância da mediação sógnica é tão grande que Flusser afirma:

Não é exagero dizer que vivenciamos o mundo, conhecemos o mundo e agimos nele dentro das estruturas que nos são impostas pelos códigos que nos informam. A importância do problema não pode ser exagerada nem existencialmente, nem epistemologicamente, nem politicamente. Os resultados alcançados pela teoria da comunicação (...) abrem, desde já,

horizontes até agora insuspeitos. Permitem não apenas uma nova visão da nossa maneira de “estar-no-mundo”, mas também visualizar perspectivas da elaboração de novas estruturas de códigos, a modificarem radicalmente este “estar-no-mundo”. (19??b, p. 10-11). Livre tradução do autor.

Este novo estar-no-mundo corresponde a “um novo modo de presença do sujeito no mundo”, um *bios* específico, que a midiatização implica (SODRÉ, 2002, p. 24).

Telemática

“Sociedade telemática” é o termo utilizado por Flusser para conceitualizar a cultura baseada na comunicação digital e em rede. Essa fase da cultura é nova porque utiliza novos códigos – os digitais –, e por isso merece um nome próprio. Inicialmente chamado “pós-histórica”, no sentido pós-tipográfico (quer dizer, depois o fim da escrita), Flusser a partir de 1985 utiliza também o termo “pós-moderno”. Relevante para este contexto são dois livros e seus conceitos fundantes: *L’Informatisation de la société*, de Simon Nora e Alain Minc, de 1978, e *La condition postmoderne*, de Jean-François Lyotard, de 1979.

O termo telemática, em francês *telematique*, foi cunhado por Nora-Minc, cujo livro *L’Informatisation de la société* em inglês recebeu o título mais significativo *The computerization of society* (“a computadorização da sociedade”)². Trata-se de um relatório para o então presidente francês Valéry Giscard d’Estaing, solicitado em 1976 e entregue em 1978, e motivado pela observação que as aplicações do computador chegaram ao ponto de transformar a estrutura econômica e social da nossa sociedade e a forma de viver nela³. Data importante para este rumo foi o desenvolvimento do microprocessador, em 1971, porém, somente o crescente fluxo de informação entre computadores e sua conexão por tecnologias telecomunicacionais marca o nascimento da telemática, sendo a Internet a aplicação de destaque.

Lyotard, cujo livro citado no parágrafo anterior lançou o conceito filosófico da pós-modernidade, desenvolve uma análise sobre o conhecimento na sociedade pós-industrial e da cultura pós-moderna que a acompanha. Como o livro de Nora-Minc, solicitado pelo presidente francês, o livro de Lyotard foi solicitado pelo governo

2. Disponível em: <<http://www.telematique.eu/telematics/history.en.html>>. Acesso em: 1 out 2012.

3. Disponível em: <<http://www.telematique.eu/telematics/history.en.html>>. Acesso em: 1 out 2012.

canadense, que pediu um relatório sobre o conhecimento futuro nas sociedades desenvolvidas (LYOTARD, 1982, p. 26). E Lyotard repetidas vezes percorre a análise da telemática de Nora-Minc e de outros autores nesta coletânea (como R. Beca, sobre o *novelle informatique*, e L. Joyeux, sobre *applications avancées de l'informatique* (p. 30, 126, 145, 160, 182, 186) na sua análise da nova situação.

O fato de que os dois estudos foram pedidos pela política sugere que o fenômeno da telemática foi desenvolvido pela tecnologia, que não dispõe da capacidade de reflexão; o sistema da política notou a pertinência do fenômeno e encarregou a ciência de analisá-lo e conceitualizá-lo. “Telemática”, assim, não é meramente um conceito (flusseriano ou outro), mas o resultado de um processo de auto-observação dos diferentes sistemas da sociedade.

Como Flusser faleceu em 1991, sem dúvida está certo, portanto, que ele “não conheceu a internet e tudo o que seguiu” (GULDIN, 2012, p. 25). Entretanto, ele não elaborou o conceito de sociedade telemática perto do fim dos anos de 1980, com pensa Guldin, mas já em 1985 no livro sobre as Imagens Técnicas (1985, p. 103-186). E mais: o mérito de Flusser foi, segundo Hartmann, ter percebido, sob a rubrica da “sociedade telemática”, a mudança de paradigmas do pensamento alfabetizado para o pensamento computadorizado, numa época, quando a interconexão entre computadores ainda não foi realizada (2000, p. 281). A sociedade de informação ou telemática implica, para Flusser, “terminais de computador com cabos reversíveis” (1997, p. 145).

Naquela época, Flusser, que morava na França, ficou familiar e impressionado com o sistema francês do *Minitel*, e interessou-se em analisar a nova situação. O sistema telemática Minitel, um predecessor francês da internet atual, foi inaugurado em 1982 e desativado em 2012 (sobre a história do Minitel ver Castells (2011, p. 428-431)) – composto por tela, teclado e modem para conexão telefônica, sem processador. Foi o relatório do americano David Lytel, enviado pelo vice-presidente americano Al Gore no início da década de 1990 para avaliar esse sistema na França, que inspirou Gore para o discurso “Highways of Informations” em 1994, data marcante para o nascimento da internet⁴. Afinal, fracassou porque foi um tipo de “intranet francesa”, que não aguentou

4. Disponível em: «<http://www.faz.net/aktuell/wirtschaft/netzwirtschaft/minitel-netzwerk-frankreichs-fruehes-internet-stirbt-einen-spaeten-tod-11804389.html>». Acesso em: 02 set 2012.

a concorrência da internet global, porém, não obstante, o princípio da internet está presente nele, e Flusser se refere a este sistema.

Assim, não é por acaso que “telemática”, termo emprestado dos franceses S. Nora-A. Minc (1978)⁵, é utilizado por Flusser para denominar a nova forma de comunicação na nova era caracterizada pelos códigos digitais, também por ele denominada *pós-moderna* ou *pós-histórica*. E contrário ao seu hábito, Flusser cita Lyotard explicitamente várias vezes. O que Flusser entende como telemática é explicado por ele pelo exemplo do Minitel. Dessa forma, ele considera, em 1987, o Minitel, “que acabou de ser introduzido na França”, o “primeiro precursor da telemática” (2010, p. 162). A sociedade telemática é caracterizada pelo uso de instrumentos “tele”, tal qual como “o telefone, a televisão, o telégrafo, o telefax, o Minitel” (2009, p. 248-49). O resultado é uma sociedade em rede, com possibilidades revolucionárias, entretanto, também com efeitos prejudiciais. Um perigo é a perda do espaço privado causada pela invasão nas casas como o efetivado justamente pelo telefone, TV, Minitel, terminais de computador e telefax (1992b, p. 72). É a telepresença que é resultado de uma viagem pelo espaço e tempo. Telepresença é a interconexão entre dois mundos alternativos (FLUSSER, 1992a, p. 46), e exemplos apresentados por Flusser são o “telesexo no Minitel francês” (1992a, p. 46), ou a opção do Minitel para a educação a distância (2009, p. 160).

Essas visões não são frutos de um clarividente, mas de um pensamento comunicológico consistente e coerente. “Tudo isso”, descrito em “Linha e Superfície”, “é utópico. Mas não é fantástico. Aquele que olha a cena atual poderá achar tudo isso lá...” (2007, p. 125). Desde os primeiros passos marcados pelo interesse na língua (a filosofia da linguagem), Flusser, influenciado por pensadores como Cassirer, sabia que nosso conhecimento sobre o mundo era mediado por sistemas simbólicos. O conhecimento de que esses sistemas não se restringem à língua, mas abrangem qualquer tipo de codificação, preservou Flusser do logocentrismo e abriu-lhe cedo a perspectiva da comunicação audiovisual, que ele lecionou já em 1963. Por isso, Flusser estava acessível às ideias de uma semiótica geral como a promovida por Eco. E foi a fenomenologia de Edmund Husserl, que ensinou Flusser a estrutura comunicativa do mundo-da-vida:

5. Disponível em: <<http://www.telematique.eu/telematics/history.en.html>>. Acesso em: 02 set 2012.

A partir de uma perspectiva fenomenológica, a sociedade parece uma rede composta por relações intersubjetivas e intencionais. Os nós da rede são o que, antes de Husserl, eram chamados de “indivíduos”. (...) eles não são nada concretos: se os nós da rede forem desfeitos, eles desaparecem. Não pode existir algo como um “Eu” fora de relações. De fato: eu sou a soma das minhas relações. De modo igual fica evidente que não pode existir algo como “sociedade”. Em caso de desfazer os nós, a rede colapsa e desaparece: ela surge a partir dos nós. “Eu” e “sociedade” são extrapolações abstratas de relações intersubjetivas (FLUSSER, 1997, p. 1). Livre tradução do autor.

Influenciado também pela cibernética, ele tomou conhecimento dos novos rumos nos EUA, do MIT por exemplo, e entendeu que a linguagem digital e o computador – baseados nela – mudariam profundamente nosso mundo, os códigos e nossa comunicação. Essa nova fase da cultura contemporânea foi denominada por ele, já em 1967, por pós-história, e depois relacionada com o pós-moderno. O conceito tinha como propósito abranger as novas condições da *condition humaine*, como as mudanças provocadas nos parâmetros fundamentais de espaço e tempo, ou seja, a nova qualidade cultural da modernidade causada pela transformação da mídia digital, baseada em códigos zerodimensionais.

Telemática e pós-modernidade

Apesar de que, por causa de vários problemas, o conceito da pós-modernidade pode ser questionado, os fenômenos descritos por ele não. Desse modo, o seu uso por Flusser é de modo convincente, porque o usa para descrever um fato dificilmente contestável: a “penosa passagem da cultura industrial (moderna, produtora de objetos) para cultura diferente (pós-industrial, pós-moderna, produtora de informações imateriais)” (FLUSSER, 1997, p. 1). E nessa passagem, constituída por várias avenidas de acesso convergentes, ele escolheu como “uma única de tais avenidas: a dos códigos portadores das informações culturais dominantes”, o que abre os olhos para “vislumbrar perspectivas mais amplas da revolução cultural (informática), pela qual estamos passando” (FLUSSER, 1997, p. 1). Assim foca o interesse de Flusser nas suas últimas obras na década de 1980 “sempre sobre a emergência revolucionária dos códigos digitais; emergência esta cujas consequências sobre o futuro pensar, vivenciar e agir do

homem individual e da sociedade continuam violentas demais para poderem ser apreciadas em todos os seus aspectos” (FLUSSER, 19??d, p. 1). Ou seja, o interesse de Flusser na pós-modernidade é fruto da análise do desenvolvimento da cultura, e ela “surgiu por razões complexas (das quais a evolução técnica é a mais importante” (19??e, p. 1). Em consequência:

Uma das distinções da pós-modernidade com relação à modernidade é que a “moral do trabalho” vai sendo substituída pela “moral informativa”. O propósito da existência deixa de ser a modificação do mundo (e do homem no mundo), e passa a ser a elaboração de significados ao mundo (e ao homem no mundo) (19??f, p. 1).

Essa reviravolta dos valores está embutida na revolução industrial e suas consequências sobre a antropologia. Enquanto a revolução industrial mostrou que trabalho é mecanizável, e que máquinas executam melhor que homens a tarefa de modificar objetos, o desenvolvimento da revolução mostrou que máquinas podem ser programadas para o trabalho a ser executado e que “programá-las (informá-las a propósito do significado do trabalho) é o gesto caracteristicamente humano” (ibidem). E “programar é manipular símbolos segundo regras”, ou seja, uma prática semiótica. Assim, conclui o autor:

Uma das distinções da pós-modernidade é pois que, pela primeira vez na história, o homem se assume ente cuja dignidade específica é a manipulação de símbolos, (a codificação), que conferem significados ao mundo (...) e à vida humana (...) Que o homem se assuma “*homo ludens*”, e não mais “*homo faber*” (19??f, p 1).

Este *homo ludens* de Flusser não é um jogador (lúdico), mas sim um manipulador de símbolos. E tais códigos claros e distintos (códigos digitais de computadores) “vão rebater sobre os códigos que não se destinam a máquinas, e exercerão sobre eles (por exemplo a língua falada) influência ainda não bem pesquisada” (19??f, p. 1).

Essa influência não seria somente sobre os códigos, mas também sobre a estrutura da sociedade. Flusser explica esse fenômeno repetidas vezes através da “famosa ‘dialética da consciência’ hegeliana” (19??g, p. 1), segundo a qual o homem

oscila entre o privado e o público, entre economia e política. Como a “revolução telemática da qual somos testemunhas consiste, fundamentalmente, na inversão do fluxo das informações, e neste sentido na re-estruturação da sociedade”, a “telematização da sociedade, (correio, telefone, rádio, TV, computador intercomunicante, em suma, telepresença), rompeu tal estrutura tão radicalmente, que os conceitos ‘privado’ e ‘público’ perderam todo significado” (19??g, p. 1). Em consequência, o próprio termo “política” exige uma redefinição:

Se quisermos não obstante continuar a operar com os conceitos tradicionais, devemos dizer que o espaço público está desaparecendo, por estar sendo recoberto por cabos visíveis e invisíveis que transportam informações, e que o espaço privado está desaparecendo por não mais estar cercado de muros, mas de janelas e portas do tipo “tela” e “tecla” (19??g, p. 1).

É só agora – podemos atualizar Habermas – que estamos presenciando uma mudança estrutural da esfera pública.

Essa transição entre modernidade e pós-modernidade é descrita como uma “perda da fé” (no código linear), uma “crise” no sentido grego (“Scheidung”) existencial entre “antes” e “depois”. Segundo Flusser, a sua geração é prisioneira de categorias que a programam, embora tenha perdido a fé nelas. “Mas podemos observar como as gerações novas, menos alfabetizadas que a nossa, emigram da história e adentram a terra incognita da pós-história programada não-linearmente” (19??h, p. 6). É “a nossa tragédia e grandeza” ser “simultaneamente a última e a primeira geração, (...) geração em crise. Agora, uma nova era vai se mostrando, a do código imagético, (...) anunciando o período da pós-história, programado não-linearmente” (19??h, p. 6-7).

Essa nova fase, iniciando-se e apontando para o nosso futuro, é a cultura imaterial (19??i), ou seja, digital, zerodimensional, pós-moderna. Mas Flusser não foi um defensor pleno dessa nova fase, porque

a cultura imaterial (...) não proporcionará ao homem o paraíso. Os problemas propostos por ela serão enormes. Problemas epistemológicos: o que substituirá o conhecimento objetivo? Problemas estéticos: que será arte? E sobretudo problemas ético-políticos: que é liberdade intersubjetiva? A cultura imaterial não será paradisíaca, apenas será diferente. Se é que será e que catástrofes não intervirão para impedi-la (19??i, p. 1).

A mudança estrutural da sociedade é consequência da primeira revolução industrial, induzida pela máquina a vapor (= energia); e da segunda pela fotografia, telegrafia, telefone e computador, que evoluiu sua força total a partir depois da segunda guerra. Entretanto:

O mais importante não é, como foi pensado inicialmente, que toda informação é disponível em todo lugar ao mesmo tempo (o que não é nem o mais importante, nem verdade), mas, (...) *que os códigos* utilizados pelos homens para se comunicarem com a finalidade de dar sentido ao mundo e a sua vida nele, *mudaram*. (1998, p. 235/236, tradução e ênfase minha).

Escrito em 1977, publicado no livro *Kommunikologie*, essas palavras mostram como Flusser pensa semiótica, mídia é temática em termos da sua teoria de comunicação, a comunicologia.

Observações finais

Apesar de acertar na mudança da digitalização, Flusser não leva suficientemente em consideração a economia e a sua lógica capitalista. Segundo ele, no futuro não seria mais a economia, mas a comunicação que constitui a infraestrutura da sociedade (FLUSSER, 1997, p. 155). Essa avaliação talvez não tenha sido ingênua, só errada: a revolução midiática não descartou o capitalismo. A internet hoje é controlada por impensas privadas capitalistas e americanas da Califórnia (como Google, Apple, Facebook e Amazon), ou seja, não dá para negar a confluência entre telemática e capitalismo. De modo diferente de Lyotard, segundo o qual – em sintonia com a sua biografia da esquerda extrema, que ensina sensibilidades por esses parâmetros – a nova fase da sociedade telemática seria uma revolução da tecnologia de informação, aliada ao capitalismo, Flusser percebe o complexo com uma outra ênfase. Utilizando um dos elementos básicos da sua comunicologia, a diferença entre discurso e diálogo – sendo o discurso definido como comunicação unilateral, de um emissor para um receptor, e o diálogo como comunicação bilateral, recíproca – ele alega:

Se identificarmos discurso com totalitarismo e diálogo com democracia, a telemática abre horizontes para sociedade cósmica democrática, para a aldeia cósmica de McLuhan. Isto é uma das virtualidades atualmente abertas, e

depende de nossa capacidade crítica para que seja realizada. A outra é o estabelecimento definitivo da sociedade informática totalitária, centralmente programada, com os receptores em solidão passiva e massificada de apertadores de teclas. Por certo, o futuro será algo entre os tais extremos (1973j, p. 4).

Flusser ainda faz parte dos profetas ao afirmar a morte do texto, do livro e da escrita, para abrir um universo moldado pelas imagens técnicas. Entretanto, apesar da proliferação de sons e imagens com no *Youtube*, o texto segue “vivo e procriando, pois nunca a humanidade leu e escreveu tanto. *E-mail, chat, msn, wiki, twitter, facebook*, espaços para comentários em sites e portais suplicam para que nossos dedinhos pressionem letrinhas no teclado”, e a Internet continua “letrada” (POMPEU, 2102). Com a expressão de tudo e qualquer coisa por meio de palavras em alta, a “galáxia Gutenberg” continua viva e próspera, inclusive na telemática, cujos sistemas sígnicos não podem ser reduzidos a um sistema, por exemplo: imagética, só.

Referências

- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1). 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FLUSSER, Vilém. (1973a). Line and Surface. In: **The Philosopher's Index**. vol. VII, n. 4, 1973a. p. 1216.
- _____. (1973b). Line and Surface. In: **Main Currents**, 29 (3). Tradução para o português: Linha e Superfície. In: FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**. Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosacnaify, 2007, p. 101-125.
- _____. **Le Monde Codifié**. Paris: Institut de l'Environnement, 1974.
- _____. Em Busca de Significado. In: LADUSANS, Stanislaus (Org.): **Rumos da Filosofia Atual no Brasil em Auto-retratos**. São Paulo: Loyola, 1976, p. 493-506.
- _____. **Ins Universum der technischen Bilder**. Göttingen: European Photography, 1985.
- _____. Telepräsenz. In: FLUSSER, Vilém. **Virtuelle Räume – Simultane Welten**. Arch+ 111, 1992a, p. 46-47.

- _____. Nomaden. In: FLUSSER, Vilém. **Virtuelle Räume** – Simultane Welten. Arch+ 111, 1992b, p. 70-78.
- _____. Abbild – Vorbild. Was heißt darstellen? In: FLUSSER, Vilém. **Lob der Oberflächlichkeit**. Für eine Phänomenologie der Medien. Bensheim: Bollmann, 1993, p. 293-317.
- _____. **Medienkultur**. Frankfurt am Main: Fischer, 1997.
- _____. **Kommunikologie**. Frankfurt am Main: Fischer, 1998.
- _____. **O Mundo Codificado**. Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosacnaify, 2007.
- _____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. **Kommunikologie weiter denken**. Die Bochumer Vorlesungen. Herausgegeben von Silvia Wagnermaier und Siegfried Zielinski. Mit einem Vorwort von Friedrich A. Kittler und einem Nachwort von Silvia Wagnermaier. Frankfurt am Main: Fischer, 2009.
- _____. **A Escrita**. Há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.
- _____. **Nascimento de imagem nova**. (19??a).
- _____. **Códigos**. (19??b).
- _____. **Como ler sintomas**. (19??c).
- _____. (19??d). **Sinótese de três ensaios**: “Für eine Philosophie der Photographie”, 1983; “Ins Universum der technischen Bilder”, 1985; “Die Schrift”, 1987.
- _____. (19??e). **Código de cores**. (Resposta a três intervenções sobre minha entrevista-vídeo 3/3/88).
- _____. (19??f). **A cor no mundo pós-moderno**. (Entrevista-vídeo para a Casa da Cor, Robion 3/3/88).
- _____. (19??g). **Casa da Cor** (reflexões complementares). (Reunião no MASP, S. Paulo 9/2/88).
- _____. (19??h). **A perda da fé**. (1978).
- _____. (19??i). **Da imaterialização**.
- _____. (19??j). **Texto-imagem**. (Instituto Cultural Francês, Napoli, 3/2/84).
- _____. (19??k). Cultura dos “imateriais”? **Revista da Sociedade Brasileira da História da Ciência**. 1985.
- _____. (19??l). **On Edmund Husserl**.
- GULDIN, Rainer. Flusser e a filosofia da pluralidade, do encontro e de diálogo. In: **IHU** – Revista do Instituto Humanitas Unisinos 399, 2012, p. 23-26.
- HANKE, Michael. Símbolos e os Códigos da Comunicação: a semiótica de Vilém Flusser. In: SANDE, Manuel Fernandes; ADAMI, Antonio (Org.). **Panorama da Comunicação e dos Meios no Brasil e Espanha**. São Paulo: Intercom, 2012, p. 720-743.

- HARTMANN, Frank. **Medienphilosophie**. Wien: WUV, 2000.
- LYOTARD, Jean-François. (1982). **Das postmoderne Wissen**. Ein Bericht. 6. ed. Wien: Passagen, 2009.
- NIBBRIG, Christiaan L. Hart. (Org.). **Was heißt “Darstellen”?** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994.
- NORA, Simon; MINC, Alain: *L'Informatisation de la société. Rapport à M. le Président de la République. La Documentation Française*, Paris, 1978. Em inglês: *The Computerization of Society. A report to the President of France*. MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1980.
- POMPEU, Fernanda. (2012). **Internet letrada**. Disponível em: «<http://br.noticias.yahoo.com/blogs/mente-aberta/internet-letrada-130801831.html>». Acesso em: 21 abr 2013.
- SCHUBERT, Cristian. Minitel-Netzwerk. Frankreichs “frühes Internet” stirbt einen späten Tod. **Frankfurter Allgemeine Zeitung Online**. (01 jul 2012). Disponível em: «<http://www.faz.net/aktuell/wirtschaft/netzwirtschaft/minitel-netzwerk-frankreichs-fruehes-internet-stirbt-einen-spaeten-tod-11804389.html>». Acesso em: 02 set 2012.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.